

DOIS PONTOS

A ECONOMIA INVISÍVEL NO BRASIL

Perseguição oficial

KALIL TOUFIK KELIL

Dona Maria aprendeu a costurar e desenhar roupas masculinas e femininas. Ela não tem condições de trabalhar fora de casa para ajudar o marido no orçamento doméstico. Mas decide montar seu próprio negócio sem sair de casa. Ela pega um cômodo da residência e o transforma num ateliê de costura. Aos poucos vai ganhando freguesia e ajudando a aumentar o orçamento doméstico.

Em alguns meses, já não consegue sozinha dar conta de tantos pedidos. Contrata uma auxiliar e com as economias compra uma outra máquina de costurar. Um ano depois, ela já está produzindo quase mil peças de roupas para a sua clientela e ganhando até mais que o marido, que é operário. Entusiasmado com o negócio da esposa, o marido começa a ajudá-la nas horas de folga. Então, o ateliê já é uma microindústria de roupas feitas.

Dona Maria é apenas uma ficção. Mas sua história repete-se diariamente em todo o Brasil, onde aumenta cada vez mais esse tipo de atividade econômica, que não consegue ter nenhum controle do Governo. Ninguém desconhece a importância da "economia informal". Hoje ela representa 30 por cento de toda a produção industrial, comercial e agrícola do Brasil. É um setor que já emprega algo em torno de 1,2 milhão de trabalhadores, pagando salários

compatíveis para as atividades desempenhadas.

Trata-se de um setor vital para a economia nacional, como reconhecem políticos e empresários como o Deputado Guilherme Afif Domingos, ex-Presidente da Associação Comercial de São Paulo, e Antônio Ermírio de Moraes, Diretor do Grupo Votorantim.

Mesmo assim, a atividade praticada por milhares de Donas Marias no Brasil é considerada pelo Governo como "marginal". É que as micros, em sua maioria, acabam não trilhando os mesmos caminhos de empresas de porte. Muitos microempresários não têm a sua empresa regulamentada e, portanto, não pagam impostos. Mesmo assim, geram riqueza, dão empregos e fazem este país caminhar.

A "economia informal" ou "economia invisível" é praticada geralmente no fundo de quintal, surge das necessidades de um grupo de pessoas de trabalhar e ganhar dinheiro para a sua sobrevivência. Mas nem tudo é bonito e fácil para os microempresários. Como atividade marginal, a sua também sofre as conseqüências de ser pequena.

Por isso, vem sendo massacrada pela política econômica do Governo. A intromissão estatal na economia prejudica todos os segmentos econômicos, mas principalmente aqueles que têm seus negócios no fundo de quintal. A competição é desigual entre grandes empresas e mi-

croempresários, os grandes têm dinheiro suficiente para bancar prejuízos e fazer promoções, os micros sobrevivem do que produzem. A inflação alta, os juros escorchantes e a competição com os grandes têm sido os principais motivos das falências de muitas microempresas nos últimos tempos no Brasil.

Além disso, há uma espécie de perseguição contra esse tipo de atividade. O Governo, na sua sanha de arrecadar mais e mais impostos, quer controlar produção e faturamento dos micros. Isso acaba gerando um conflito muito sério: os impostos são elevados e nem todos os segmentos da economia informal têm condições de pagá-los. O que vimos acontecer nos últimos tempos foi a implosão de algumas empresas, sem condições de cumprir os compromissos sociais.

Não devemos esquecer que o alicerce da economia do nosso país está calcado nesse tipo de atividade. Se o alicerce for abalado, tudo irá se transformar em ruínas. Estamos hoje à beira de uma recessão sem precedentes na nossa história, as perspectivas são as mais pessimistas, poucos microempresários deverão sobreviver depois de fevereiro de 1988. Tudo por culpa da incompetência do Estado em administrar a política econômica.

Kalil Toufik Kelil é Presidente da Associação dos Micros, Pequenos e Médios Empresários da Região Nordeste de São Paulo.